

Fall 2019

Libermann: Formador des Padres

Amadeu Martins

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos>

Recommended Citation

Martins, A. (2019). Libermann: Formador des Padres. *Horizontes Espiritanos*, 14 (14). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos/vol14/iss14/6>

This Wellsprings is brought to you for free and open access by the Spiritan Horizons (English, French, and Portuguese) at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Horizontes Espiritanos by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

LIBERMANN, FORMADOR DE PADRES



Amadeu Martins, C.S.Sp. Amadeu Martins, C.S.Sp., era diretor de formação, depois superior provincial de Portugal. Ele virou secretário dos estudos Espiritanos (Roma) em 1974. Como tal, ele publicou muitos artigos sobre Libermann e Espiritualidade Espiritano em *Spiritán Papers*. Ele era o autor dos “arquivos Amadeu,” uma coleção de mais de 13,000 arquivos nos tópicos Espiritanos. Ele trabalhou como missionário em Angola antes da morte dele em 2007. Entre os documentos ele tinha na mesa dele antes da última doença era um manuscrito chamado, “Libermann, distribuidor de dons de Deus para padres” da qual “Libermann, formador de padres” forma a introdução e primeiro capítulo.

*publicado originalmente em:
Missão espiritana, Ano 9,
no. 18 (2010) 7–16*

Introdução

Jacob Libermann nasceu na Alsácia (França) de pais judeus, em 12 de Abril de 1802. Chamado por Deus, como os Apóstolos, a fazer parte da Igreja de Cristo, recebeu o baptismo, com o nome de Francisco Maria Paulo, aos 24 anos de idade, no Colégio-seminário de Santo Estanislau, em Paris, na véspera do Natal de 1826.

Dando início à realização da profecia de uma cunhada, que juntamente com o marido, Sansão, também se convertera do Judaísmo à Igreja Católica, “Não só te hás-de converter, como até hás-de ser padre”, Libermann, ficou logo no Seminário, primeiro no de Santo Estanislau e, no ano seguinte, no de S. Sulpício, ambos em Paris.

A vida corria-lhe feliz; preparava-se fervorosamente para a recepção das ordens sagradas, que deveria receber em 14 de Março de 1829, quando, na véspera, um violento ataque de epilepsia o lançou por terra. Pareciam assim quase totalmente destruídas as esperanças, suas e dos seus directores, de vir a realizar os seus sonhos do sacerdócio.

Devido, porém, à sua virtude eminente e à influência maravilhosa que exercia sobre os demais seminaristas, os superiores não o despediram; simplesmente o transferiram para o Seminário de Issy, nas proximidades da Capital francesa. Talvez ali, com os ares puros do campo, recuperasse a saúde. O seu trabalho seria a poda e limpeza das árvores do pomar e fazer em Paris as comissões, quer do ecónomo, quer dos seminaristas...

A este trabalho material acrescentaria o da formação espiritual de vários seminaristas e até de alguns sacerdotes, entre eles, o próprio ecónomo.

Libermann partiu de Santo Estanislau para Issy em fins de 1831. Mas foi ainda no Seminário de S. Sulpício que, meses antes, em Julho, teve uma visão, assim descrita por um dos seus biógrafos:

“Foi num domingo de Julho de 1831, dia em que no Seminário de S. Sulpício se celebrava a festa do Sacerdócio de Jesus. Durante a missa solene Libermann teve uma visão: distinguia nitidamente a figura de Nosso Senhor, sob o aspecto de Pontífice Eterno..., a passar lentamente entre as filas dos seus companheiros, reunidos nos cadeirais do coro, distribuindo a cada um os Seus benefícios. Só ele foi excluído. Porém, depois de todos terem recebido a sua parcela, pareceu-lhe que o Sacerdote Eterno lhe entregava a ele o tesouro das suas graças e o convidava a fazer beneficiar dele os seus irmãos, os futuros sacerdotes, ali reunidos à sua volta, e todos os sacerdotes que viesse a encontrar durante a sua vida”¹.

Libermann, formador de padres

Se, de facto, quiséssemos dar um título a contínua e intensa actividade de Libermann, desde a sua entrada na Igreja de Cristo, pelo baptismo, até à sua preciosa morte, em 2 de Fevereiro de 1852, penso que o mais adequado seria Libermann, formador de padres.

Esta foi realmente sua grande actividade nos Seminários de S. Sulpício, em Paris, depois em Issy, a seguir em Rennes, no Noviciado dos Eudistas, e finalmente no noviciado e seminários da sua Congregação.

A sua vida foi a realização da visão de 1831.

No verão de 1837, Libermann partia para Rennes, onde seria mestre dos noviços dos Eudistas, apesar de ele ser um simples acólito, e os noviços todos diáconos ou sacerdotes.

A sua actividade, porém, não se limitava à formação de sacerdotes. Foi sobretudo a partir de Rennes que se pôs em relação epistolar com muitas pessoas de todas as categorias, desde reitores de seminários e outros sacerdotes até seminaristas, religiosos e religiosas, a simples cristãos a viver no meio do mundo, e mesmo a crianças. A sua direcção espiritual não excluía ninguém. Libermann foi um dos maiores directores espirituais do século XIX. Alguém afirmou ter sido mesmo o maior.

*Libermann foi
um dos maiores
directores
espirituais do
século XIX*

Foi também um grande missionário, embora não directamente nas Missões, e missiólogo genial, sobretudo a partir de Dezembro de 1839, quando partiu para Roma, a fim de tratar da fundação da sua Obra dos Negros, primeiro título da Congregação do Santíssimo Coração de Maria, que no Outono de 1848 se fundiu com a do Espírito Santo. A Obra passou então, a chamar-se oficialmente Congregação do Espírito Santo sob a protecção do Imaculado Coração de Maria, ou simplesmente Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria.

A grande tarefa da Igreja

A formação dos sacerdotes deve ser a grande tarefa da Igreja.

“O Santo Concílio conhecendo muito bem que a desejada reforma de toda a Igreja depende, em grande parte, do ministério dos sacerdotes, animado pelo Espírito de Cristo, proclama a grandíssima importância da formação sacerdotal” (Introdução, *Optatam totius*).

‘Não existe uma autêntica obra formativa para o sacerdócio sem o influxo do Espírito de Cristo’. Cada formador humano deve estar plenamente consciente disso. Mas disto deve também estar consciente o formando. É o que Libermann, mestre exímio, lembra a um seminarista: “Sê fiel a tudo o que o Divino Mestre te pedir. Aplica-te a sério ao trabalho da tua santificação. Não é pequena coisa a preparação para o sacerdócio”.

A um outro escrevia: “Estás a aproximar-te cada vez mais do sacerdócio ... e a crescer sempre em graça e sabedoria espiritual, diante de Deus e dos homens. Cresce, pois, e engrandece a tua alma com toda a grandeza e poder da graça divina, de que vais ficar repleto”².

Certamente também o futuro sacerdote, ele, mais do que ninguém, deve crescer na consciência de que o protagonista, por antonomásia, da sua formação é o Espírito Santo, que, com o dom do coração novo, configura e assimila a Cristo, Bom Pastor...³

*A mais alta função
confiada a um
homem na Igreja de
Deus*

A mais alta função confiada a um homem na Igreja de Deus.

“...Como não alegrar-se perante a dignidade de todo o formador humano, que, em certo sentido, se configura como representante visível de Cristo para o candidato ao sacerdócio?”

“O primeiro representante de Cristo na formação dos sacerdotes é o Bispo... Além deste e do candidato, são também responsáveis pela formação sacerdotal, a comunidade educativa do seminário, os professores de teologia, a comunidade de origem e as associações e movimentos juvenis”⁴.

A tarefa de formar padres considera-a Libermann como ‘a mais alta função que possa ser confiada a um homem na Igreja de Deus’. Referindo-se a um jovem sacerdote, recentemente nomeado superior de um seminário, escrevia a um outro: “Tenho pena de o ver já encarregado do superiorato..., mas Deus ajudá-lo-á, e bem precisa, pois o lugar que ocupa é um dos mais importantes e mais difíceis na Igreja de Deus. Pode, num lugar destes, fazer um bem imenso, mas pode também fazer muito mal”⁵.

Escreve ainda Libermann na mesma carta.

“O padre é qualquer coisa de grande! - E um homem que deve ter todas as perfeições de Nosso Senhor Jesus Cristo, pois a maior qualidade de que Jesus foi revestido, é o seu divino sacerdócio. Eis porque considero verdadeiramente desolador ver tão poucos sacerdotes ‘verdadeiramente santos’. Todavia... um sacerdote já não devia ter vida humana; nele já não se devia notar o homem. Toda a sua vida devia ser divina...”

*um sacerdote já não
devia ter vida humana;
nele já não se devia
notar o homem. Toda a
sua vida devia ser divina*

Os formadores, antes de tudo, sejam modelos

Libermann prossegue: “Os directores dos Seminários devem, pois, prestar grandes serviços à Igreja e ao sacerdócio de Nosso Senhor, ao ocuparem-se da formação sacerdotal dos seus alunos. Mas, para isso, é necessário, antes de tudo, que sejam modelos e que a sua vida seja uma vida de santidade e perfeição consumadas”⁶.

“Para este ministério devem ser escolhidos sacerdotes de vida exemplar e possuidores de diversas qualidades: ‘maturidade humana e espiritual, experiência pastoral, competência profissional, estabilidade na própria vocação, capacidade de colaboração...’”⁷

O Vaticano II recomenda aos superiores e professores que “pensem seriamente quanto o êxito da formação depende da sua maneira de pensar e agir”. Por sua vez, Libermann escreveu: “Nosso Senhor diz aos reitores da Santa Igreja que eles devem ser fachos ardentes e luminosos. O director pode, com razão, ser comparado a um desses fachos”⁸. “Se fôssemos santos, escreveu ainda Libermann, faríamos dos seminários tudo o que quiséssemos”⁹.

Não basta saber ensinar

“A Igreja, enquanto tal, é que é o sujeito comunitário que tem a graça e a responsabilidade de acompanhar todos aqueles que o Senhor chama a ser seus ministros no sacerdócio”¹⁰. Libermann escreveu:

“É um grande mal imaginarem alguns que fazem muito bem, se bem ensinarem a teologia, contentando-se com ter piedade medíocre. Julgam poder assim formar bons padres, mas enganam-se redondamente. Um director santo formará muitos santos sacerdotes; um director de piedade ordinária não formará nenhum sacerdote santo. E se, num caso extraordinário, sair das suas mãos um bom sacerdote, podem crer que este director lhe fez, pelo menos, muito mal. Tal padre só se formou bom sacerdote à força de graças poderosas, a que o director não conseguiu levantar obstáculos. Se esse padre, quando seminarista, tivesse sido confiado a um sacerdote santo e tivesse tido as mesmas graças e a mesma boa vontade, ter-se-iam visto nele, sem dúvida, muitas outras maravilhas”¹¹.

Pouco tempo depois, escrevia a outro sacerdote sobre o mesmo assunto:

“A sua vocação...é a mais bela que eu conheço. Trata-se de comunicar o espírito sacerdotal aos que quer formar para o sacerdócio de Nosso Senhor. Jesus é o Soberano Sacerdote, que tem em Si a essência do espírito sacerdotal e toda a plenitude das perfeições

*Se não estiver
continuamente na
fonte, você secará e não
poderá fornecer senão
palavras vazias, áridas,
sem zelo*

nele incluídas. Só em Jesus é que você pode haurir este tesouro. Se não estiver continuamente na fonte, você secará e não poderá fornecer senão palavras vazias, áridas, sem zelo. Poderá ainda, de vez em quando, produzir bons efeitos, mas já não será como um canal da graça; sê-lo-á apenas ocasionalmente. Se Deus, às vezes, se serve de criaturas irracionais para impressionar as almas (Num 22,23), também pode servir-se de bocas sem vida de sacerdotes apegados à terra, para realizar os seus desígnios de bondade nas almas que absolutamente quer salvar”¹².

Nos Regulamentos de 1849, explicita Libermann algumas das ‘funções dos prefeitos dos estudos’:

1º seguir os alunos nos estudos..., dando-lhes bons conselhos para fazerem esses estudos... e assim se porem em condições de prestarem, mais tarde, bons serviços à Igreja;

2º, velar pela observância da regra e da ordem, por parte dos alunos...;

3º, formá-los no espírito eclesiástico, dando-lhes para tal as necessárias instruções”¹³.

Formar pastores

No que atrás ficou escrito está já bem evidenciada a importância da selecção dos formadores. “Escolham-se os melhores”, recomenda o Vaticano II. Tanto o Concílio como Libermann, mais de cem anos antes, recomendam que se escolham pessoas ‘com experiência pastoral e adequada formação espiritual e pedagógica’, para nos seminários “se formarem verdadeiros pastores de almas”¹⁴.

*Escolham-se os
melhores*

Este era também o pensar de Libermann. Em carta ao P. Le Vasseur comunicava-lhe a intenção de ficar com o P. Inácio Schwindenhammer em França. O P. Le Vasseur chamou-lhe a atenção para a necessidade de o formador dos membros da Congregação ter experiência pastoral. Libermann respondeu-lhe: “A sua reflexão é justa, mas neste momento não podemos fazer de outro modo e temos, por isso, de ficar aqui com gente sem experiência, pois não a temos com ela...” Observa também,

“Por outro lado, esses missionários não terão experiência administrativa”. Ora Libermann ligou sempre muita importância ao ‘bom administrador’, um dos atributos mais necessários, segundo ele, por exemplo, nos bispos.

Mesmo com qualidades, nem todos servem para a direção dos seminários. Do P. Vidal, então missionário no Senegal, escrevia Libermann a D. Aloísio Kobès: “Não posso ficar com ele em França. Não é feito para director de seminário na Europa. Estragaria os jovens e prejudicaria o espírito da casa, apesar da sua excelente boa vontade”¹⁵.

Sobre experiências pastorais a fazer com os jovens, padres ou seminaristas, fez o P. Le Vasseur a seguinte observação, curiosa, mas exacta: “Todas as experiências do mundo não valem um ano de ministério em obras escolhidas, sob a orientação de um homem de virtude e experiência. Mas é difícil, em tudo, em toda a parte e sempre, encontrar quem tenha, ao mesmo tempo, cabeça e coração. Reconheço diariamente, e cada vez mais, quão raros são tais homens, em todas as congregações e em toda a Igreja”¹⁶.

“Os superiores e professores... constituam entre si e com os alunos uma família que corresponda à oração do Senhor ‘ut unum sint’. Havendo espírito de família, haverá bom espírito. Ora “o que é necessário é que o espírito seja bom”¹⁷.

Lembra ainda Libermann aos formadores dos seminários que “o grande formador é o Soberano Sacerdote, a quem compete formar os seus colaboradores”¹⁸. Requer-se, pois, íntima colaboração com Ele.

Como afervorar um seminário

Libermann indica o método por ele seguido nos seminários de S. Sulpício, com excelentes resultados. Mas tal método, se não for bem utilizado, pode ter efeitos contraproducentes, como aconteceu com os Grupos de Piedade, que, alguns anos depois de Libermann ter deixado a sua direcção, tiveram de ser suprimidos.

Falava da sua experiência nos seminários de Paris, quando escreveu:

*escolher um
pequeno número
de jovens generosos,
decididos a darem-se
totalmente a Deus*

“Um meio eficaz para a santificação dos seminaristas e para difundir a sua influência por todo o seminário, é escolher um pequeno número de jovens generosos, decididos a darem-se totalmente a Deus... Devem tais jovens ser muito unidos e ocupar-se apenas da própria santificação... Este deve ser o fim principal das suas reuniões... Se isto se puder fazer, o bem resultante para o seminário será enorme. O grupo aumentará pouco a pouco; crescerá em fervor..., pois a graça de Deus é poderosíssima... Fui testemunha, a este respeito, nos seminários de Paris, de grandes maravilhas, que nunca tinha visto nem provavelmente tornarei a ver”¹⁹.

Para não criar qualquer divisão maniqueísta, convirá dar a estas reuniões ou associações um cariz mais académico do que de associação piedosa, academia aberta a todos, onde se cultivem, lado a lado, a ciência e a piedade, pondo sempre a última em destaque.

Insiste Libermann com um seu correspondente, “Para introduzir o fervor no seminário, siga sempre o seguinte princípio: a primeira coisa, e de todas a mais importante, é a própria santificação...”²⁰

Compara Libermann a santidade a um aquecimento central. “Tendes um fogão de aquecimento na sala de exercícios. Acendei-o com a intenção de aquecer todos os que estiverem na sala. Quem tem essa intenção é quem o acende. No entanto, o fogo, imediatamente, só aquece o fogão, que, por sua vez, quando estiver bem quente, aquece a sala toda”²¹. “Devemos rezar uns pelos outros e levar os demais a fazê-lo também. Importa levar os bons e fervorosos... a espalharem-se pela comunidade, levando assim a piedade e o amor de Deus a todos os corações. Deste modo tereis na mão os fervorosos, que, sem o saberem, farão o que tiverdes combinado para bem da comunidade”²².

*temos de lançar o
fogo ao seminário,
e o incêndio tem de
abrasar e consumir
todos os que nele
habitam*

Santos incendiários

De ‘santos incendiários’ fala Libermann mais de uma vez. “Este ano, escrevia ele em Setembro de 1835, temos de lançar o fogo ao seminário, e o incêndio tem de abrasar e consumir todos os que nele habitam”²³.

‘Eu vim trazer o fogo à terra’. (Lc. 12,49) Querendo produzir este incêndio, porà necessariamente tochas ardentes nas mãos dos que encarrega de o atizar. Porque há, pois, pergunta Libermann, tão poucos santos incendiários? Ele mesmo responde: “Porque há poucos santos, poucas almas unidas a Deus nos hábitos práticos da vida; as suas tochas estão, pois, condenadas a ficar apagadas, produzindo, quando muito, o fogo de um fósforo. Quer dizer, os que são escolhidos para serem os homens de Deus, os apóstolos de Jesus Cristo, permanecem amantes de si mesmos, homens da terra, obedientes ao seu orgulho e sentidos, fraquezas e defeitos, e, por isso, a graça santificante, recebida no sacerdócio, não se desenvolve neles, e os dons do Espírito Santo são-lhes necessariamente recusados; os designios de Deus ficam abortados; os povos permanecem nas trevas e na escravidão; os demónios ficam contentes e Nosso Senhor Jesus Cristo e a Santa Igreja ficam mergulhados na dor”.

E, supondo que os seus missionários permanecerão fiéis, Libermann exclama cheio de alegria: “Que felicidade para as almas a nós confiadas, se os nossos missionários viverem bem unidos a Deus!...”²⁴.

Libermann, modelo de formador

Formador incendiário foi, sem dúvida, Libermann, cuja acção nos seminários de Paris foi extraordinariamente fecunda. Os directores tinham nele o melhor colaborador. Não admira, pois, que tivessem pena de o perder. Quando soube da sua intenção de ir para os Eudistas, um dos padres do Seminário escreveu dele: “O Seminário de Issy vai perder muito com a sua saída; o P. Pinault dizia-me ser uma perda irreparável. Por sua vez, o P. Mollevault chegou mesmo a dizer que, se pudesse chorar por alguma coisa, seria por Libermann sair de Issy”²⁵.

Pelo contrário, foi de grande euforia o sentimento dos Eudistas que o conheciam.

“Libermann é nosso! Libermann é nosso!”

O servo de Deus vai agora trabalhar numa congregação, cujo fim específico era ‘a formação do clero nos seminários e a renovação do espírito cristão no povo’. A sua experiência vai juntar nova experiência e novos conhecimentos. Continua a seguir de perto a vida dos seminários de S. Sulpício e alegra-

Tende um grande desejo de santificação dos vossos irmãos... e espalhai o fervor por todo o Seminário

se com o seu bom andamento. “Recebo notícias maravilhosas do seminário de Paris,” escreve ele. Parece que tudo ali vai ainda melhor do que no ano passado, refere-se a 1837, e, no entanto, eu quase não teria ousado desejar melhor, tão maravilhosamente tudo corria...”²⁶.

Em carta a vários seminaristas escrevia: “Tende um grande desejo de santificação dos vossos irmãos... e espalhai o fervor por todo o Seminário. Não e pelos cálculos do vosso espírito, pela vossa habilidade e pesquisas da vossa imaginação que o santificareis, mas sim pela santidade da vossa vida, pelo vosso espírito interior, pelo mais ardente e perfeito amor a Nosso Senhor e à Santíssima Virgem”.

Formação contínua.

“Não faltam ‘razões, mesmo puramente humanas’, que solicitem o sacerdote a realizar a formação permanente”²⁷. Esta destina-se a fazer crescer o sacerdote na santidade e a mantê-lo sempre actualizado na doutrina da salvação.

Libermann escreveu, “Um diplomata domina maravilhosamente a sua ciência e aplica-se a ela sem descanso e com gosto; é a sua vida; precisa disso. Os operários, cada qual no seu género específico, os artistas sabem emitir um juízo imediato sobre qualquer objecto da sua arte e dedicam-se totalmente a ela. É necessário que também nós cheguemos a identificar-nos com a ciência da salvação, de tal maneira que caminhemos bem, sem ser necessário reflectirmos muito nela”²⁸.

O sacerdote precisa da ciência. Esta, segundo Libermann, deve procurar-se mais na oração, na união com Deus, do que nos livros. “A santificação dos padres” foi por ele sempre considerada como ‘um dos pontos mais importantes’ do ministério sacerdotal. “Depende dela a salvação de uma multidão inumerável de almas, assim como a solidez e conservação do bem que conseguirmos fazer nos povos”. Por isso procurou ele, desde o início da Obra dos Negros, criar um clero local verdadeiramente santo.

Tudo o que se referisse à santificação e formação do clero o interessava

Tudo o que se referisse à santificação e formação do clero o interessava. Aquando da sua viagem de Rennes para Lion, a caminho de Roma, ficou radiante com o plano, que ‘um excelente sacerdote’ lhe expôs, de formar uma sociedade de padres fervorosos e santos, que se encarregariam de manter no fervor os sacerdotes que exercem o santo ministério no meio do mundo”²⁹.

Quando fundou a sua congregação, quis estabelecer o noviciado em Estrasburgo, para poder prestar assistência aos padres alemães, que, segundo pensava, estavam muito carecidos de assistência moral e religiosa.

A uma sua correspondente exortava-a a ajudar determinado sacerdote, de quem escrevia: “Não conheço bem os seus antecedentes... Não sei porque corre de diocese em diocese... Mas penso que não deve abandoná-lo... Continue a interessar-se por ele..., dando-lhe os conselhos que o Divino Mestre lhe inspirar”³⁰.

Reuniões Eclesiásticas sob o patrocínio de S. João Evangelista.

Logo que Libermann fixou residência em Paris, um grupo de sacerdotes, ‘desejosos de se ajudarem mutuamente no cumprimento das suas obrigações’, fundaram sob a sua presidência, uma associação, que denominaram. Reuniões Eclesiásticas, sob o patrocínio de S. João Evangelista.

Todos estes sacerdotes se propunham, “por uma comum resolução, ser fiéis à vida de fé e de oração, exercer o santo ministério com zelo e desapego de si mesmos e dos próprios interesses, e dedicar-se, com particular devoção, ao serviço dos pobres.” Reuniam-se todas as semanas. “Nessas reuniões tratavam, à vez, assuntos relativos à santificação pessoal dos membros da associação e à direcção espiritual das almas, assim como relativos ao santo ministério e às obra de zelo”.

*a Casa-Mãe da
Congregação do
Espírito Santo,
enquanto Libermann
a habitou, tornou-se
um centro, “onde
gostavam de se
encontrar padres de
ciência e talento, do
mesmo modo que de
virtude*

O Presidente era o P. Libermann, cuja palavra, no fim das reuniões, era sempre esperada com avidez e seguida com fidelidade. A fina flor do clero de Paris pertencia a esta associação. Graças a estas reuniões e a outras, a Casa-Mãe da Congregação do Espírito Santo, enquanto Libermann a habitou, tornou-se um centro, “onde gostavam de se encontrar padres de ciência e talento, do mesmo modo que de virtude... Entre outros, ali foram recebidos D. Pitra, seu primeiro biógrafo, e depois cardeal; Rorbacher, célebre historiador da Igreja; Mons. Gousset, Mons. de Ségur”,³¹ filho da célebre Condessa do mesmo nome; e o célebre publicista Jacques Paul Migne, fundador, em 1833, do jomal L’Univers.

O mesmo ministério de assistência aos padres teriam os missionários de Libermann nas colónias francesas, onde vivessem lado a lado com o clero diocesano.

Em carta ao Director das Cónias escrevia acerca do ministério entre os Negros: “Contamos também utilizar o ministério indirecto, assistindo os padres das terras onde nos encontrarmos. Prestar-lhes-emos todo o auxílio possível e levá-los-emos a permanecer fiéis aos seus deveres, o que terá grande influência no melhoramento do estado intelectual dos Negros”³².

De facto, todo o ministério feito a favor da santificação dos padres reverte a favor da santificação do Povo de Deus. Quem o faz, trabalha com multiplicadores.

*Amadeu Martins, C.S.Sp.
Lisboa, Portugal*

Abreviações

ES *Ecrits spirituels du vénérable Libermann*. 2 vols. Paris: Sanguinetti, 1891.

LS *Lettres spirituelles du vénérable Libermann*. 3 vols. Paris: Poussielgue.

ND *Notes et Documents relatifs à la vie et à l'œuvre du Vénérable François Marie Paul Libermann*. 16 vols.

OT Vaticano II, Decreto sobre a Formação dos Sacerdotes, *Optatam totius*.

PDV João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores dabo vobis*, Sobre a formação dos sacerdotes nas actuais circunstâncias.

Référencecia

Alves, Henrique, *O Venerável Libermann*. Lisboa: Editorial L.I.A.M., 1952.

Notas de Rodapé

¹ND I, 155-56 e *O Ven. Libermann*, Henrique Alves, p. 85.

²ND I, 406.

³*Pastores dabo vobis*, no. 69.

⁴*Ibid.*, 65-68.

⁵ND I, 472.

⁶*Lettres spirituelles*, I, 484-5

⁷*Pastores dabo vobis*, no. 66.

⁸*Écrits spirituelles*, 362.

⁹*Lettres spirituelles*, I, 132.

¹⁰*Pastores dabo vobis*, no. 65.

¹¹*Lettres spirituelles*, I, 484-85.

¹²*Lettres spirituelles*, II, 279-80.

¹³ND X, 493.

¹⁴*Optatam totius*, no. 5.

¹⁵ND XI, 197-8

¹⁶ND XIII, 233.

¹⁷ND XIII, 3

¹⁸ND VI, 184.

¹⁹*Lettres spirituelles*, I, 489-90.

²⁰*Écrits spirituelles*, 362.

²¹ND II, 177-8.

²²*Lettres spirituelles*, I, 137-9.

²³*Ibid.*, 130.

²⁴*Écrits spirituelles*, 480.

²⁵ND-Comp., 3-4.

²⁶*Lettres spirituelles*, I, 348-9, 365.

²⁷*Pastores dabo vobis*, no. 70.

²⁸ND XIII, 701.

²⁹*Lettres spirituelles*, II, 307-8.

³⁰ND IV, 257-8

³¹ND XIII, 597-8

³²ND III, 284-5